



30 DE AGOSTO A 01 DE SETEMBRO DE 2012
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA - UNAMA - CAMPUS BR
BELÉM (PA)

13º SENADEN
SEMINÁRIO NACIONAL DE DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM



Trabalho 132

ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO PARA A MORTE UMA RELAÇÃO DIFÍCIL, MAS NECESSÁRIA.

MOCHELM.C ; (1); MIRANDA,M.C. (2); GURGEL,W.B. (3)

(1) Universidade Federal do Maranhão.; (2) Universidade Federal do Maranhão.; (3) Universidade Federal do Maranhão.

Apresentadora:

ELBA GOMIDE MOCHEL (elbamochel@yahoo.com.br)

Que iremos morrer um dia, todos sabemos seja por meio da reflexão espiritual, seja porque a sua vida está envolvida com essa realidade. Profissionais de saúde que atuam em hospital são os mais expostos isso, pois, além de a morte ser uma questão pessoal, é uma realidade com a qual se depara nas diferentes situações de tensão diante dos pacientes hospitalizados². Dentre todos os profissionais de saúde, médicos e enfermeiras são os que mais se expõem a essa tensão, cada qual na sua dinâmica específica. E, as enfermeiras, por conviverem mais diretamente e mais tempo com os pacientes, estão mais expostas¹. Por essa e outras razões, a questão da morte e do morrer deveria ser objeto de sua formação profissional, fosse para oferecer capacidade técnica adequada ou por uma questão de segurança à sua saúde mental. Metodologia Abordagem qualitativa pautada pela Análise de Conteúdo. Pesquisa descritiva, Bibliográfico-documental, além da observação participante, tomando por material empírico o projeto pedagógico e os programas das disciplinas, de um curso de Enfermagem textos utilizados em sala de aula e a vivência estudantil, buscando identificar os paradigmas presentes na educação para a morte dos graduandos em Enfermagem. Pesquisa foi aprovada no CEP HUUFMA, parecer N°1984/2008. Resultados Analisou-se a proposta do curso em duas versões - Currículos 20 e 30, uma vez que o curso passava, na época, por reestruturação de sua grade, contando com dois currículos em curso, sendo que o currículo 30 ainda não tinha sido totalmente implantado (estando em voga somente entre os três primeiros períodos). No tocante aos programas das disciplinas, a análise ficou restrita aos das disciplinas do 4º ao 8º períodos e das observações no diário de campo. Além do mais, a concentração de conteúdo tanatológico em poucas disciplinas, especialmente naquelas que são oferecidas por outros departamentos acadêmicos ou nas optativas, pode reforçar um tipo de comportamento que tenha dificuldade para associar morte com atuação profissional. As anotações realizadas durante a observação participante, podem dar maior embasamento para sustentação dessa hipótese. Tais anotações se referem a eventos acontecidos durante um semestre letivo (08.12.08-27.07.09), incluindo oito disciplinas, dessas três são compostas de aulas teóricas e práticas, merecem as situações: a) afastamento acadêmico - coerente com a forma geral de afastamento da convivência com a morte e o morrer que nos inabilita para responder a situações nas quais ela está presente. Na academia, disciplinas que versaram, em algum momento, sobre morte faziam comentários superficiais, não-preparatórios. Isso reflete no cotidiano: durante a visita na clínica hospitalar, duas alunas se depararam com um cadáver de criança embrulhado sobre a maca. Ao serem questionadas sobre o fato, disseram ficar constrangidas com o que presenciaram e que "poderiam ter sido poupadas da cena?". b) obstinação terapêutica: produz ambiguidades comportamentais, como aparece no caso: "estudamos para a vida, ninguém estuda para trabalhar com a morte?" - disse uma professora confessando seu despreparo e ignorando que a morte faz parte da vida. Ela justifica isso com a ausência de habilidade tanatoprática entre os enfermeiros: "tanto que na hora de preparar um cadáver é a coisa mais rápida do mundo! E ninguém aprende isso na faculdade?". c) interdição do desejo de morte: aparece na fala de uma mãe: "esse menino deveria morrer logo?". A situação foi apresentada por uma professora para se referir a uma mãe que cuidava de seu bebê que nascera com, mas formações e tinha prognóstico ruim. Esta que não recebeu suporte terapêutico e estava afastada de seus outros filhos em detrimento daquele, virou motivo para a indignação da classe. d) interdição da dignidade do morto: negligência também apareceu na fala de uma paciente: durante visita à enfermaria obstétrica, essa relatou aos alunos sua tristeza e culpava um médico pela morte de seu bebê. Contou que procurou atendimento por duas vezes em razão de dores no ventre. Ainda assim fora mandada para casa, sem nenhum tipo de intervenção. Na terceira tentativa, relatou que o atendimento demorou e ela mesma já sentia seu filho morto. Após o relato, ninguém quis aprofundar



30 DE AGOSTO A 01 DE SETEMBRO DE 2012
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA - UNAMA - CAMPUS BR
BELÉM (PA)

13º SENADEN
SEMINÁRIO NACIONAL DE DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM



Trabalho 132

a discussão. e) luto do profissional: é comum que o profissional de saúde também vivencie momentos de luto. A frase ?a morte desse paciente afetou a aluna que o acompanhava?, emitida por uma das professoras durante reunião com os alunos, é um exemplar. A professora comentou que a aluna ficou com o semblante decaído ao saber que, apesar de seus cuidados, o paciente morreria, o que mostra não só a falta de habilidade com os termos corretos como com a forma correta de acolhê-lo e cuidá-lo. A aluna não recebeu nenhum suporte terapêutico ou acadêmico. f) reforçamento de atitudes supersticiosas: essa situação aparece no comentário de uma aluna: ?esta paciente está piorando. Acho que vai voltar para UTI. Você lembra que uma outra que foi admitida no mesmo leito que ela com o mesmo problema já morreu? A falecida até parecia com dona fulana e ambas estavam acompanhadas de seus filhos e eles também se parecem!?. g) manifestação do luto virtual: A não convivência com os rituais de morte provocam nas pessoas, quando elas se deparam com a necessidade de seu enfrentamento, respostas completamente novas, nas quais, geralmente, elas se acham perdidas, sem saber quais comportamentos emitir. Percebemos claramente isso diante da morte de um professor do curso de Enfermagem, ocorrida durante o desenvolvimento dessa fase da pesquisa. As pessoas usaram a internet para falar do assunto enquanto nos corredores havia total silêncio. Considerações finais Percebemos que existe presença de conteúdo tanatológico em algumas disciplinas do curso, e que esse conteúdo não é o suficiente ou está em caráter optativo, significando que ainda existe afastamento acadêmico com a questão da morte e do morrer. Isso resulta que, na falta de preparação tanatológica para lidar com situações de morte-morrer, os profissionais têm praticado de repetição do modelo: ?a aula que eu não tive você também não terá?; o que acaba reforçando comportamentos de fuga ou esquiva. Ou importando práticas baseadas na caridade e na compaixão, não no profissionalismo e na solidariedade. A falta dessa formação tornam os profissionais em acusadores contra pais ou acompanhantes que, por caridade, desejam a morte do paciente, ou em desrespeitadores de alunos e profissionais que manifestam situação de luto. O resultado mais forte é o do afastamento acadêmico, pois, não basta ao profissional ter contato com a temática da morte durante a sua formação, ele deve ser bem preparado para manter uma relação interpessoal de ajuda com o moribundo, afinal essa é a essência do cuidar. Descritores: Enfermagem. Educação para a morte. Morrer. Formação. Modalidades de formação e inovações educacionais em uma década de Diretrizes Curriculares; REFERÊNCIAS CORRÊA, A.K; SALES, A.C; SOARES, L. A família do paciente internado em terapia intensiva: concepções do enfermeiro. Acta Scientiarum. Maringá, v.24, n.3, 2002, p.811-818. ESSLINGER, I. De quem é a vida, afinal? Descortinando os cenários da morte no hospita